

“TIRANDO REIS SEM VIOLA”: MEMÓRIA, ORALIDADE E REGISTROS ESCRITOS DE UMA FAMÍLIA NEGRA SERTANEJA NO PIAUÍ.¹

Francisco Helton de Araujo Oliveira Filho²

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de analisar a trajetória e a narrativa de uma família negra da comunidade quilombola Salinas, no município de Campinas, sertão do Piauí, desde a escravidão até o presente, a partir de uma entrevista e registros guardados por Marcolino Viera da Silva, um dos descendentes dos quilombolas de Salinas, que resultou na publicação de um livro de memórias, buscando refletir sobre as relações entre história, memória, oralidade, narrativas e registros escritos. Essas fontes permitem a compreensão da trajetória da família de Marcolino, desde a época da escravidão, passando pelo pós-abolição, a luta pela terra, a garantia de direitos básicos como a educação, a valorização da cultura quilombola, o papel da oralidade e da transmissão de saberes e tradições de geração em geração. Além disso, traz à tona questões relativas à criação de arquivos familiares e memórias escritas como fonte histórica. Destaca-se a maneira como ele narra e reconstitui os episódios de sua trajetória e de sua família, a infância, a juventude e a vida adulta, bem como o cotidiano, os saberes e práticas culturais, as memórias da escravidão e do pós-abolição, formando uma identidade pessoal e a ligação com o passado coletivo da comunidade.

Palavras-chave

Família Negra - Memória - Oralidade - Registros Escritos

Introdução

David Lowenthal afirma que “toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje. E confirmamos que já vivemos um passado” (LOWENTHAL, 1998, p.63). Desse modo, os registros orais, as memórias e as histórias contadas pelos mais velhos da comunidade através de gerações, foram fundamentais para a preservação da história da família de Marcolino. Lowenthal destaca a importância da distinção entre história e memória, enquanto reconhece a relação intrínseca entre elas e aponta que suas fronteiras são tênues. A memória é

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático 12 – Povos e Comunidades Tradicionais: desafios da oralidade durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo. O trabalho foi realizado com financiamento de bolsa da CAPES e orientado pela professora Dra. Martha Campos Abreu.

² Doutorando em História na Universidade Federal Fluminense. E-mail: heltonfilho89@gmail.

vista como algo inevitável e indubitável, já que é baseada nas experiências pessoais e subjetivas das pessoas. Por outro lado, a história é contingente e empiricamente verificável, dependendo de fontes externas para sua validação. Porém, a memória é limitada pela própria capacidade de lembrar e pela seleção subjetiva que fazemos do que lembrar. A história, por sua vez, é limitada pela documentação existente e pelas interpretações subjetivas dos historiadores. (LOWENTHAL, 1998).

Pierre Nora destaca a aceleração da história como um dos principais fatores que tornam o debate sobre a memória inevitável. Em um mundo cada vez mais veloz e fragmentado, a memória se torna uma forma de resistência, um modo de preservar o passado e suas referências em um presente que parece cada vez mais desconexo. As margens, nesse contexto, podem ser vistas como um espaço privilegiado de culto ao passado, de produção de referências e de criação de identidades, num movimento que parte do centro em direção às periferias. Assim, a memória passa a ser vista como um dever e uma ordem, uma forma de resistência à aceleração da história e à imposição de um presente absoluto. Ela é vista como um meio de preservar e transmitir conhecimentos, tradições e experiências que, de outra forma, poderiam se perder. (NORA, 1993, pp. 7-28)

Para Joel Candau, “mais importante que a memória enquanto faculdade humana é analisar as formas como a mesma se manifesta - variável de acordo com indivíduos, grupos, sociedades” (CANDAU, 2018, p.21). Assim, as narrativas orais não apenas transmitem informações, mas também têm o poder de criar e moldar a realidade, influenciando a forma como as pessoas veem e interpretam o mundo ao seu redor. Nesse sentido, Ulpiano Meneses afirma que “toda memória é social”, na medida em que pressupõe um interlocutor ativo e expressa uma experiência de comunidade. E mesmo o ato de criar coleções ou arquivos privados, “a relação com o coletivo também está presente” (MENESES, 2007, p.270).

Paul Thompson defende que a memória é um processo social e que a história oral é uma forma de dar voz aos grupos marginalizados e silenciados pela história oficial. Segundo Thompson, a memória é uma construção social e está sempre em constante transformação, sendo influenciada pelas experiências individuais e coletivas (THOMPSON, 1998). Já o historiador Philippe Joutard, aponta para a importância da história oral como uma forma de dar voz aos excluídos e aos derrotados na história, além de ser uma fonte valiosa para compreender as realidades que não aparecem nos documentos escritos (JOUTARD, 2006). Através das narrativas, é possível preservar e transmitir tradições culturais e conhecimentos ancestrais, bem como criar novas formas de compreender e significar a realidade. Para Portelli:

As culturas orais e populares – bem como a história oral, o folclorismo e a Antropologia – reconhecem que as narrações são eventos em si mesmas, e que contá-las ou ouvi-las, ou ainda criá-las em conjunto, nunca deixa de ter consequências transformadoras sobre o mundo “real”, as pessoas envolvidas e suas culturas (PORTELLI, 2010, p. 224).

Desse modo, o “escrevedor” Marcolino surgiu do encontro da oralidade com a escrita, aguçada pela curiosidade de saber sobre os seus antepassados, se aprofundou em suas investigações, conversando com seus pais, parentes e conhecidos, anotando informações em um caderno e colando pequenos pedaços de papel para lembrar dos detalhes. Ao escrever suas histórias, ele estava transformando as histórias orais em algo tangível e duradouro, que poderia ser preservado para as gerações futuras. Ele catalogou os hábitos e costumes, o cotidiano, as lendas, as histórias, as festas e a religiosidade e criou um acervo com objetos materiais que pertenceu a sua família, o que mostra sua preocupação em preservar não apenas as histórias, mas também os objetos que contam essas histórias. Marcolino relata que na época, sem saber o que fazer com tudo aquilo, se dirigiu até Teresina, para doar os pertences de sua mãe para o Museu do Piauí.

Daí eu preservei todos os pertences da minha mãe, nas costas, levando, cobrindo, porque não tinha onde pôr. Quando chegou uma hora, fui à Teresina falar com o Chagas Vale [diretor do museu]. Eu fiz a reunião com ele, e falei que queria doar os pertences da minha mãe para pôr no museu aqui em Teresina, guardado, com ar-condicionado. Mas quem era sua mãe? Daí eu gosto muito de desafio. Aí me arrasou. Porque realmente ele tinha razão. Como vou pôr um museu na capital, se eu não sei de quem são os pertences? Aí baixei a cabeça, voltando de lá, eu falei que tenho que pôr no papel quem era minha mãe, entendeu? Como vão surgindo as coisas, são os desafios. Como eu tinha todo o material, não estava difícil. Agora um cara que é mecatrônico para pôr coisas de história no papel é muito complicado, você entendeu?³.

Diante do desafio e, conseqüentemente, de não conseguir justificar a sua doação ao diretor do museu, Marcolino começou o projeto de iniciar a escrita de um livro biográfico sobre a história de sua mãe, Augusta Sobreira da Silva. Marcolino destaca o papel fundamental da sua irmã mais nova, Maria Aparecida Rodrigues, que colaborou com a sua formação em letras e pedagogia, para ajudá-lo a transformar o material em um livro.

Marcolino reconhece que todas as informações poderiam ser modificadas e ou perdidas ao longo do tempo, por isso, sentiu a necessidade de registrar por escrito as histórias que ouviu desde a infância. O acesso à alfabetização possibilitou a Marcolino emergir numa nova realidade, ultrapassando as barreiras operadas pelas hierarquias raciais impostas aos grupos e sujeitos sociais em que a oralidade predomina e superando as dificuldades de encontrar os registros sobre os seus antepassados:

³ Entrevista realizada com Marcolino Vieira da Silva, no dia 4 de abril de 2022, em Parnaíba-PI.

O que eu quis por ali, era registrar, para não perder. O pessoal tem uma história que chegaram aqui, tinha umas negras que ficaram no pé de juazeiro. Eu escrevi a vinda deles, eles pararam em algum lugar, foram ficar onde? Não tinha casa. Fugiram da fazenda formiga. Eu fui anotando, eu sentava com um papel na mão e anotava os tópicos, um cara analfabeto, colava no caderno. Eu estava em São Paulo e fazia esse reis sem viola em uma semana, chegava a noite, tava conversando, como era que era isso.⁴

Mesmo não tendo pleno domínio da escrita, o acervo composto objetos materiais, anotações e fragmentos de memórias, possibilitou a reconstrução do passado familiar. A mediação da escrita com a oralidade foi a forma que embasou a formação do arquivo pessoal. Os arquivos, nesse sentido, são locais onde a memória e a história se entrelaçam, onde os processos de seleção, organização e interpretação dos documentos produzem significados e narrativas sobre o passado. A constituição de um acervo pessoal pode ser entendida como um ato de memória, pois, ao selecionar e guardar objetos e documentos que possuem valor afetivo e/ou simbólico para o indivíduo, ele está preservando uma parte da sua própria história e identidade (IUMATTI e NICODEMO, 2018).

“Tirando reis sem viola”

Marcolino Viera da Silva nasceu em 24 de março de 1943, na comunidade quilombola Salinas, município de Campinas do Piauí, primogênito do casal Tomaz Vieira da Silva (Biá), vaqueiro, filho de escravizados e Augusta Sobreira da Silva, neta de escravizados da comunidade Salinas. Lá ele passou toda infância e juventude. Aos 16 anos de idade, partiu da comunidade para trabalhar no Maranhão, retornando logo em seguida. Ao completar maior idade, viajou para São Paulo, em busca de novas oportunidades:

“Eu nasci e fui criado lá. Salinas. Onde tinha a fazenda do meu avô, meu pai era do Boqueirão, pertinho, 3km, mas eu ficava com meus avós. Com 16 anos fui embora para o Maranhão, voltei, fiquei mais um pouquinho, com 18 anos para escapar fui embora para São Paulo. Mas nunca abandonei, sempre que dava, um dia eu voltava às minhas origens... tanto que morava umas carreiras de cima, perto de Santo Inácio. Em Campinas, pegava o cavalo, ficava uma semana andando com minha mãe, *tirando reis sem viola*”⁵.

A expressão “tirar reis sem viola”, segundo ele, era a prática de sair visitando os parentes e amigos, para obter informações e contar histórias por meio de conversas: “ficar andando na casa de um de outro, dorme na casa de um, toma café na casa do outro, conversa, tudo é parente, deu para entender? Reis sem viola é isso, daí o termo *reis sem viola*”. Um dos fatos marcantes da trajetória de Marcolino se dá no encontro da oralidade com a escrita, ao revelar na entrevista que saiu do Piauí analfabeto:

⁴ Entrevista realizada com Marcolino Vieira da Silva, no dia 4 de abril de 2022, em Parnaíba-PI.

⁵ Entrevista realizada com Marcolino Vieira da Silva, no dia 4 de abril de 2022 em Parnaíba-PI.

Eu fui embora para São Paulo. Eu sou mais paulista do que piauiense, porque eu fiquei a maior parte da minha vida em São Paulo. E uma coisa que irei revelar para você... cheguei em São Paulo, com 22 anos, eu era analfabeto... (pausa)... Acredita? Eu me alfabetizei em 1965, fui para escapar cara! Fui para escapar!⁶.

O retorno às origens foi o começo de uma saga que levou Marcolino ao encontro com o passado de sua família e de seus ancestrais. Com muito orgulho e emoção, ele revelou na entrevista que passou por muitos momentos difíceis, desde quando migrou para o sul do país. Um homem negro, sertanejo, neto de escravizados, analfabeto que, aos 18 anos de idade, migra para a cidade grande, consegue se sobressair, apesar do frio, da fome, do racismo e as discriminações sofridas e, finalmente, retorna para descobrir e narrar seu próprio passado de uma forma gloriosa.

Nessa trajetória de sempre retornar às origens, Marcolino empreendeu um belíssimo trabalho de registro e arquivamento de memórias. O que me chamou atenção no primeiro momento, foi o encontro de Marcolino com o seu passado, a descoberta, originada da primeira escolha, com um objeto que ainda estava imperceptível. O mais surpreendente foi o seu esforço para colher fragmentos de histórias, pois os registros escritos eram raros em comunidades negras rurais, onde prevalecia a oralidade como forma de transmissão de conhecimento e saberes: “mas não tinha documento, nada, nenhum. Onde era que eles eram registrados? Eles não eram registrados. Não sei se eram registrados”⁷.

A história da família de Marcolino, traz à tona a importância da revisão e reescrita da história das populações negras no Brasil, refletindo sobre a construção da memória e identidade desses grupos. Isso se relaciona com a discussão sobre a pluralidade de formas de constituição da memória histórica, que envolve o estabelecimento de diálogos entre temporalidades distintas e a produção de narrativas, apontando a importância da revisão e reescrita da história das populações negras no Brasil, com o objetivo de construir uma história afro-brasileira a partir do olhar e das experiências dos afrodescendentes.

Na entrevista realizado com Marcolino, ele contou a história de sua vida e a relação que ele tinha com a comunidade quilombola Salinas. Ele passou a se interessar pela história de sua região e de sua família a partir da coleta de informações dos parentes mais velhos e da preservação de objetos e documentos relacionados a sua mãe. Ele descreve como começou a escrever informações em pedaços de papel e a colá-los em um caderno, com o objetivo de entender melhor a história das fazendas nacionais. Com o tempo, ele percebeu que havia acumulado um tesouro de informações que ninguém mais tinha e decidiu preservá-lo:

⁶ Entrevista realizada com Marcolino Vieira da Silva, no dia 4 de abril de 2022 em Parnaíba-PI.

⁷ Entrevista realizada com Marcolino Vieira da Silva, no dia 4 de abril de 2022 em Parnaíba-PI

Quando comecei lá atrás, a mais de 60 anos, a preocupação era eu saber como se dera as fazendas nacionais, ninguém sabia, daí comecei me aprofundar, toda vez que ia conversar como meu pai, minha mãe, com parente da minha mãe, que era a Zequinha, lá da Salinas, filho de lá, e Zé Machado... eu pegava um papelzinho, vou lhe mostrar, escrevia e colava no caderno, coisa curiosa né, porque eu queria descobrir as fazendas. Quando eu descobri lá na frente, eu descobri que eu atirei no pardal e acertei um elefante, eu tinha um tesouro, tinha muitas informações que ninguém tinha, foi um acidente, eu queria entender...daí eu preservei todos os pertences da minha mãe, nas costas, levando, cobrindo, porque não tinha onde pôr⁸.

A busca persistente por descobrir as suas origens, que o levou a descobertas valiosas, e a relação forte com sua família e com as tradições locais, que serviram como fontes de informação. Eric Hobsbawn em *A invenção de tradições*, afirma que esse é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado pela referência ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição e aponta dificuldade em estudar o processo exato pelo qual tais complexos simbólicos e rituais são criados. Segundo o autor, a dificuldade em determinar a origem desse processo é encontrada tanto nas fontes quanto nas técnicas, o que torna difícil o estudo de tradições que foram em parte inventadas, em parte desenvolvidas em grupos fechados ou de maneira informal (HOBSBAWN, 1984).

Mesmo diante de uma situação difícil, Marcolino teve dedicação e responsabilidade com os dados levantados, o que demonstra sua preocupação com a história e a preservação da memória coletiva. Ele estava ciente da importância do estabelecimento das fontes para a pesquisa empreendida. É nesse sentido que Michel De Certeau, afirma a necessidade de um gesto fundador que envolve a combinação de um lugar, de um aparelho e de técnicas, a fim de estabelecer as fontes necessárias para a pesquisa. Marcolino, portanto, buscaria o acesso a essas fontes e os recursos necessários para estabelecer e coletar esses dados. Para Certeau:

Da mesma forma, a título de novas pertinências, constitui como documentos utensílios, composições culinárias, cantos, imagens populares, uma disposição dos terrenos, uma topografia urbana, etc. Não se trata apenas de fazer falar estes "imensos setores adormecidos da documentação" e dar voz a um silêncio, ou efetividade a um possível. Significa transformar alguma coisa, que tinha sua posição e seu papel, em alguma *outra coisa* que funciona diferentemente. Da mesma forma não se pode chamar "pesquisa" ao estudo que adota pura e simplesmente as classificações do ontem que, por exemplo, "se atêm" aos limites propostos pela série H dos Arquivos e que, portanto, não define um *campo* objetivo própria, um trabalho é "científico" quando opera uma *redistribuição do espaço* e consiste, primordialmente, em *se dar* um lugar, pelo "estabelecimento das fontes" – quer dizer, por uma ação instauradora e por técnicas transformadoras (CERTEAU, 1982, p. 82).

Certeau faz uma reflexão sobre a prática de arquivamento pessoal, ao pensar na documentação e preservação da história. Ele demonstra que a falta de registros escritos não significa a falta de história, mas sim a necessidade de buscar outras formas de preservar e contar

⁸ Entrevista realizada com Marcolino Vieira da Silva, no dia 4 de abril de 2022, em Parnaíba-PI.

essas histórias. Nesse sentido, mesmo não havendo registros escritos formais, Marcolino teve a necessidade de buscar outras formas de preservação, incluindo a valorização da oralidade, objetos e lugares que foram significativos.

Desse modo, a constituição do acervo pessoal pode ser considerado um ato de memória e de preservação da história da comunidade e da família. Através da coleta e da preservação de objetos, documentos e informações, foi possível construir uma narrativa sobre fatos importantes da história local e das trajetórias individuais e familiares dos moradores da comunidade quilombola Salinas.

Considerando o interesse recente pelos arquivos pessoais, Ângela de Castro Gomes destaca que o boom dos arquivos privados está relacionado à revalorização do indivíduo na história, que passa a ser visto como um agente ativo e não apenas como um elemento passivo e secundário. Para Gomes, os arquivos privados são fundamentais para entendermos as escolhas e intenções dos indivíduos, bem como o campo de possibilidades em que eles atuavam. Assim, eles permitem que os historiadores compreendam as motivações, valores e visões de mundo que orientaram as ações dos sujeitos históricos. Porém, ela chama atenção para o “feitiço” ou encantamento que o arquivo pessoal pode trazer, pois há um risco de se confundir a “verdade” contida nos documentos pessoais com a verdade absoluta sobre a vida e a personalidade do produtor. O arquivo privado não pode ser visto como um espelho da personalidade do produtor, mas sim como uma construção narrativa que se realiza a partir da escolha e do registro dos eventos e das experiências que o produtor considerou relevantes para si (GOMES, 1998).

Desse modo, à medida em que foi selecionando e guardando documentos e informações, Marcolino constituiu um arquivo privado e escreveu um relato para dar sentido a sua trajetória e de sua família. Hoje, ele detém um acervo de informações e fontes, que foi acumulando ao longo de 60 anos, nas suas idas e voltas à comunidade Salinas, como: fotografias, anotações em cadernos e pedaços de papel, documentos de registro civis e um conjunto de objetos materiais de sua família, que transformou em um museu comunitário. Além disso, descobri que ele estava escrevendo um livro autobiográfico, para contar sua própria trajetória, desde a infância até o presente.

Narrativa e trajetória da família de Marcolino

A narrativa de Marcolino, atualmente com 80 anos de idade, inicia com a memória da escravidão, uma memória longínqua, que nos remete a primeira metade do século XIX e vai até o período do pós-Abolição. Os episódios, porém, são narrados no tempo presente, constituídos

pelas memórias de pelo menos três gerações de sua família. Nesse sentido, as histórias contadas de pais para filho dentro das famílias de descendentes de escravizados e libertos nas antigas áreas pecuaristas do Piauí são importantes elementos na construção dessas memórias coletivas.

Diante do desafio de escrever a história de vida de sua mãe, Marcolino e sua irmã mais nova, Maria Aparecida Rodrigues, publicaram em 2012, um livro biográfico com o título *A conquista de uma sertaneja quilombola: Augusta Sobreira da Silva*. Na obra, ele reuniu todas as informações que acumulou ao longo do tempo, narrando a partir da oralidade e da memória familiar, as experiências vividas, o cotidiano, costumes, crenças e saberes da comunidade em que nasceu. A apresentação do livro ele destaca:

“Este trabalho foi possível graças a perspicácia e determinação de três negros da Salina, predestinados. O primeiro, Marcolino Vieira da Silva, avô e escravo, o patriarca que em 1923 construiu um cemitério particular para a família na localidade Boqueirão, onde nas lápides foram gravadas datas e anotações que enraizaram suas origens. O segundo, Marcolino Vieira da Silva, o neto, primogênito filho de Tomaz Vieira da Silva, *Biá* e Augusta Sobreira da Silva, *Mocinha* que despertado pelo desejo honroso de resgatar as origens e memórias de sua genitora, há mais de quarenta anos desde 1962 vem tomando nota de nomes, cultos, costumes, cultura e festividades. Tal atitude resultou na construção da biografia e árvore genealógica parcial de Dona Augusta Sobreira da Silva, *Mocinha*, negra descendente de escravos da comunidade Quilombola Salina Fazendas Estaduais, Data Fazenda Campo Grande no município de Simplício Mendes atual município de Campinas do Piauí. A terceira, Maria Aparecida Rodrigues, a filha caçula, que juntamente com seu irmão Marcolino, vem firmar os laços que os prendem “Primogênito e Caçula”, não medindo esforços para a realização deste trabalho, onde anseiam resgatar, registrar, salvar e divulgar raízes e costumes vindos da “Mãe África”, de seus ancestrais para o Brasil, evidenciados pela riqueza cultural de um povo e por sua própria história (SILVA e RODRIGUES, 2012, p. 4).

As informações gravadas nas lápides do cemitério particular construído por Marcolino Vieira da Silva (avô) permitiram a reconstituição das origens e memórias da família. Marcolino ressalta as dificuldades que enfrentou para reunir informações e reconstruir a história de sua mãe e de sua comunidade, já que poucos registros foram deixados pelos próprios protagonistas dessa história. A colaboração de sua irmã, que possui formação em letras e pedagogia, foi fundamental para que Marcolino pudesse registrar a história de sua mãe e de sua comunidade de forma mais precisa e coerente. Assim, ele negocia com as histórias e tradições que ele ouviu desde a infância, tentando reconstituir uma imagem precisa do passado.

O texto apresenta uma estrutura que segue a trajetória da família de Marcolino, enfatizando aspectos importantes como sua árvore genealógica, memórias do cativeiro e do pós-abolição, hábitos e costumes, desafios e dificuldades enfrentados por sua mãe, suas memórias pessoais, crenças religiosas e tradições culturais. Também aborda aspectos históricos e geográficos da região em que viveu, destacando a comunidade quilombola Salinas, sua localização e os arredores. São mencionados os hábitos e costumes dos moradores da região, as

práticas culturais, como o samba de cumbuca, festas de casamento, folias de reis, novenas e leilões. A narrativa de Marcolino é contada a partir de uma perspectiva pessoal, mas a sua trajetória está imersa em uma série de relatos e informações históricas, culturais e sociais que ajudam a compreender o contexto em que ele viveu.

Essas narrativas contribuem para a manutenção de uma identidade negra camponesa que se desenvolveu a partir da experiência dos trabalhadores rurais e sua luta pela sobrevivência na escravidão e no pós-Abolição. A reflexão crítica sobre esse processo é fundamental para compreendermos como essas memórias e histórias são produzidas. Como afirma Hebe Mattos:

Em vez da antiga oposição entre memória e história, uma das principais dimensões da interação entre estas duas dimensões de apropriação do passado está em abordar historicamente o processo de produção da memória. A reflexão crescente sobre a história da memória como campo de pesquisa tem evidenciado que as logicas de produção de memórias e da historiografia não são assim tão diferenciadas. As questões formuladas pela historiografia para a compreensão da escravidão negra nas Américas foram sempre determinadas por injeções sociais e políticas do mundo contemporâneo. De forma paralela, a construção de memórias coletivas se faz, necessariamente, como função de questões políticas e identitárias vividas no tempo presente (MATTOS, 1998, p. 43).

Desse modo, a narrativa de Marcolino vai de encontro com aquilo que Hebe Mattos evidenciou nas narrativas dos descendentes dos últimos escravizados das fazendas cafeeiras do Sudeste, quando afirma que as narrativas do tempo do cativo são lembranças que os entrevistados ouviram contar dos pais ou avós e não representam uma experiência direta dos próprios contadores, construindo uma memória coletiva com significados próprios, muitas vezes representações genéricas, permitindo uma reflexão sobre as continuidades ou descontinuidades com o tempo do cativo e o tempo da liberdade e seus significados no tempo presente.

Para Mattos os depoimentos que rememoram as histórias familiares relacionadas ao cativo apresentam não apenas a transmissão de informações precisas e genealogias familiares, mas também uma construção de narrativas que evidenciam sua compreensão do significado da escravidão e da liberdade, revelando uma visão complexa e multifacetada da experiência do cativo e de suas consequências, tanto para as gerações passadas quanto para as presentes (MATTOS, 2005).

Rodrigo Weimer também analisa a transmissão da memória da escravidão através de gerações de descendentes de escravizados. Ele afirma que através das narrativas de diferentes personagens, é possível perceber que há uma diferença entre as gerações no que diz respeito ao conhecimento sobre o tempo da escravidão. A geração mais velha, hoje octogenária, possui um conhecimento mais direto sobre o tema, por terem tido contato com relatos de seus avós, que

foram escravos ou viveram próximos a esse período. Por outro lado, a geração imediatamente posterior, que são os filhos desses octogenários, não tiveram contato direto com essa memória, e sabem das histórias apenas através dos relatos de seus pais e tios. Ele sugere que a transmissão da memória da escravidão não é linear ou direta entre gerações, mas pode ser interrompida ou falhada. Ao invés disso, a memória pode ser reconstruída através da experiência contemporânea, o que implica que é necessário um esforço ativo para manter a memória viva e relevante para as gerações futuras. Parafraseando Certeau e Chartier, ele diz que:

Finalmente, no que toca à geração dos netos de escravos, fujo à ideia de uma simples reprodução ou “transmissão” de memórias, buscando em suas experiências pessoais de inserção no mercado de trabalho as condições através das quais aquelas memórias familiares sobre o cativo conservaram atualidade. Na “transmissão” de uma memória, o pólo “receptor” assimila, reinterpreta, rememora e reproduz as narrativas em questão, e são esses imperativos, operados pelo presente, que levam a falar ou silenciar sobre as memórias do passado. Pensando o discurso oral como um texto, há que atribuir ao “ouvinte” as mesmas práticas ativas de recepção através das quais o lugar do “leitor” vem sendo pensado” (WEIMER, 2013, p. 366).

Isso pode ser especialmente importante em contextos em que a memória da escravidão foi apagada ou subjugada, como no caso do Brasil. Segundo Weimer “pessoas octagenárias sabem detalhadas histórias do tempo do cativo, por as terem ouvido de avós escravos, ao contrário da geração imediatamente posterior” (WEIMER, 2013, p. 365). A ideia de "circuitos de memória falhados" sugere que a memória não é transmitida automaticamente, mas depende de condições sociais, políticas e culturais que permitem a sua preservação e renovação.

Contudo, existem outros fatores sociais e históricos, como o silenciamento da memória da escravidão no século XX, a ética de silêncio quanto à cor e à experiência escrava pretérita, e a construção de uma ideia de cidadania contrastiva ao cativo durante a Primeira República, que contribuíram para a falta de transmissão direta da memória da escravidão entre as gerações (MATTOS e RIOS, 2005).

Eurípedes Funes aponta para necessidade de buscar novas abordagens para perceber a complexidade do processo histórico sem perder de vista a sua contextualização:

O estudo de uma comunidade negra remanescente de quilombo, através das lembranças de netos e bisnetos de quilombolas possibilita uma incursão em suas raízes históricas, tornando vivo um passado que sempre esteve presente em suas memórias, revelando que as sociedades formadas por negros fugidos da escravidão não têm que, necessariamente, desaparecer com a extinção de seus respectivos mocambos. Há toda uma historicidade a ser reconhecida (FUNES, 2022, p.57).

As memórias são transmitidas através de relatos orais, mas também são construídas e reconstruídas em cada geração, através de diferentes experiências e vivências. A partir dessas memórias, é possível ter acesso a um passado que muitas vezes não está registrado, mas que é fundamental para compreender a trajetória e as lutas das populações quilombolas no Brasil. As

sociedades formadas por negros fugidos da escravidão não se extinguiram com o fim dos mocambos e quilombos, mas continuam a existir e se transformar, adaptando-se às novas condições históricas e mantendo viva a memória de seus antepassados.

Ao descrever as tradições, a linguagem, os costumes e os valores da sua comunidade, ele ajuda a manter viva a memória daquele lugar e de suas pessoas. A biografia escrita por Marcolino se torna, assim, uma espécie de arquivo, um registro de um tempo e um lugar específicos, que pode mencionado ser acessado e utilizado por outras pessoas interessadas em conhecer essa história. Desse modo, manter arquivos pessoais é fundamental para que o indivíduo possa ter sua identidade e história reconhecida. No caso de Marcolino, a escrita e a publicação de seu livro são uma forma de reivindicar sua própria identidade, sua voz e sua história, que foi negligenciada ou apagada ao longo do tempo. Assim, o livro se torna uma forma de resistência cultural, uma maneira de preservar e valorizar a história e a cultura do lugar de origem e de seu povo.

Referências

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

FUNES, Eurípedes. **Nasci nas matas, nunca tive senhor**: história e memória dos mocambos do baixo Amazonas. Fortaleza-CE: Plebeu Gabinete de Leitura, 2022, p.57.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p.121-127, 1998.

IUMATTI, Paulo Teixeira., & NICODEMO, Thiago Lima. (2018), "Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: um balanço crítico." **Revista Brasileira de História**, vol. 38, núm.78, pp.97-120. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26358185006>.

JOUTARD, Philippe. **História Oral**: Balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: *Usos e Abusos da história oral*/ Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MATTOS, Hebe e RIOS, Ana Lugão. **Memórias do Cativo**: Família, Trabalho e Cidadania no Pós-Abolição, Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____, Hebe. **Memórias do Cativo**: narrativas e etnotexto. *História Oral* (Rio de Janeiro), São Paulo, v. 8, n.1, p.43-60, 2005.

_____, Hebe. **Os combates da memória**: escravidão e liberdade nos arquivos orais de descendentes de escravos brasileiros. In: *Revista Tempo*. Volume: 3 | Número: 6 (1998).

_____, Ulpiano. Os paradoxos da memória. In: **Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana**. Org. Danilo Santos de Miranda. São Paulo: Edições Sesc SP, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. Trad. Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SILVA, Marcolino Vieira e RODRIGUES, Maria Aparecida. **A Conquista de uma Sertaneja Quilombola**: Augusta Sobreira Silva. São Paulo: Editora Nelpa, 2012.

THOMPSON, P. **A voz do passado** – História Oral. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. **A gente da Felisberta**: consciência histórica, história e memória de uma família negra no litoral rio-grandense na pós-emancipação (c. 1847 – tempo presente). 2013. 497 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense Niterói, 2013. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1468.pdf>>